

A MÁQUINA DE GUERRA EM UM TABULEIRO: *EL TERCER REICH* DE ROBERTO BOLAÑO

Tiago Guilherme PINHEIRO*

BOLAÑO, R. **El Tercer Reich**. Barcelona: Anagrama, 2010.

Todo livro lançado postumamente cria, na expectativa de sua publicação, uma espécie de aura de promessa, de que algum aspecto novo e definitivo irá se apresentar aos olhos do público. Assim vem sendo com a obra do escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003) cujo espólio, aparentemente inesgotável, vem oferecendo continuamente esse tipo de mobilização por parte de editoras, jornais e leitores. Tanto que a edição brasileira de *El Tercer Reich*, que a editora Companhia das Letras lançou no começo de 2011, tem estampada na capa, quase como um subtítulo, a seguinte inscrição: “O inédito do autor de *2666* e *Os Detetives Selvagens*”. Há a necessidade de assinalar que esse romance é diferente dos outros, tem outra condição (como se esse de fato fosse o **verdadeiro** inédito), mesmo dentro das outras obras póstumas de Bolaño: esse não foi um livro que o autor não conseguiu ver lançado, mas sim um livro que ele preferiu não publicar.

Escrito em 1989, *El Tercer Reich* inaugura (secretamente) uma frenética produção romanesca que renderia, até o final da vida do autor, quase vinte livros. Não se trata de um manuscrito abandonado, mas um texto completo e corrigido. Então, por que Bolaño (2006, p.98) declara que o único livro que deixou inédito era “*una mierda insalvable*”?

Lendo-o, é difícil acreditar nessa insatisfação. O romance traz já os grandes elementos da obra madura de Bolaño, como o uso muito específico da narrativa policial, a melancolia ligada a certos momentos de uma vida passada e os jogos das referências literárias, de vanguardas perdidas ou esquecidas. “Jogo” é, aliás, a palavra central de *El Tercer Reich*.

O romance tem a forma de um diário, mantido pelo jovem alemão Udo Berger, o atual campeão nacional do *wargame* (uma espécie de jogo de tabuleiro inspirado em cenários de batalhas reais e ficcionais) que dá título ao livro, e que passa férias com sua namorada Ingeborg na cidade de Costa Brava, no litoral da Catalunha.

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010 – tg_pinheiro@yahoo.com.br

Lá encontra outro casal de alemães, Charly e Hanna, com quem trava uma tensa relação de amizade. Berger também reencontra uma antiga paixão de infância, a dona do hotel, além de outros personagens peculiares, como o par de vagabundos Lobo e Cordero, mas também Quemado, um homem cujo corpo foi incendiado por um grupo neonazista, e que vive numa casa feita a partir de restos de brinquedos aquáticos. As férias vão tranquilas, até o momento em que Charly some no mar. Então, tudo em volta começa a definhir, todos começam a abandonar a praia – e uma espécie de horror parece tomar conta do lugar. E uma partida contra Quemado começa a tomar outras proporções, como se muito mais estivesse em jogo...

Berger busca desenvolver uma estratégia vitoriosa definitiva, de modo que *El Tercer Reich* jamais poderá ser jogado do mesmo modo (o livro registra pacientemente todos os movimentos das suas jogadas, como naqueles almanaques de xadrez). Além disso, mantém o diário como exercício de escrita, para que possa redigir artigos para as diversas revistas e *fanzines* especializadas e assim se tornar um jogador “profissional”. Não é à toa que esse mundo dos jogadores de *wargames* se assemelha tanto ao dos escritores: aqui também há uma espécie de campo próprio, com suas intrigas, seus personagens canônicos, com seus próprios sistemas e rituais de legitimação. No entanto, a semelhança vai além: o jogo é motivador do ato da escrita, e vice-versa. Bolaño descreve vários grupos que fundem ambos e que têm por cânone autores alemães que tiveram uma relação estreita com as duas guerras mundiais, como Ernest Jünger, Erich Maria Remarque e Paul Celan, mas também generais do Reich como Eric von Manstein, Friedrich Paulus e Heinz Guderian (todos autores de livros autobiográficos). No entanto, e esse é um elemento constantemente postergado que confere um profundo mal-estar ao livro, esse interesse não se traduz numa devoção à ideologia nazista: segundo Udo Berger, a sedução pelo jogo se converte numa espécie de dedicação documental, como que para ver as más decisões estratégicas que foram tomadas ao longo da história. Uma questão de logística militar, mais do que de política. Berg se considera um antinazista e, quanto à sua profissão, “é apenas um jogo”. É nesse ponto que o nó do livro de Bolaño fica mais apertado e começamos a nos aproximar do tipo de preocupação que o autor busca formalizar nesses primeiros livros da sua própria fase “profissional”.

A aproximação entre escrita literária e jogo possui uma história que pode ser lida como a própria história da literatura moderna: basta lembrar as discussões sobre os jogos de xadrez e de damas em contos de Edgar Allan Poe (retomados depois por Jorge Luis Borges), o lance de dados de Stéphane Mallarmé, o jogo de amarelinha de Júlio Cortázar ou os romances de Georges Perec. Essa sobreposição estratégica,

aplicada de maneiras tão diferentes, faz parte da busca de um tipo de discurso capaz de instituir uma outra legalidade a partir de si mesma, sem que isso signifique um fechamento (o tema do acaso é importante aqui), possibilitando assim uma relação não instrumental da linguagem. É nessa série de autores que Bolaño procurou se inserir: a lista acima também é uma espécie de biblioteca desse escritor. No entanto, essa discussão ganha outros ares em *El Tercer Reich*: a da possibilidade de um jogo perverso, que ao instaurar sua legalidade, permite uma espécie de uso irresponsável da linguagem e da história, já que se trata “apenas de um jogo”.

A disputa com Quemado não se resume apenas em vencer ou perder uma partida. Nessa querela, o que está apostado é o próprio sentido do jogo, a legitimidade de seu fundamento, nesse acaso, a de um *wargame* e de uma escrita que obliteram o sofrimento e a violência envolvidos em certos períodos históricos (a Segunda Guerra Mundial, mas, como o leitor depois saberá, a colonização espanhola das Américas), justamente pelo tipo de uso que dão a essa memória.

Como boa parte dos romances de Bolaño, *El Tercer Reich* pode ser lido em conexão com outros. Poderíamos formar, junto com *La literatura nazi en América* e *Estrella distante*, uma espécie de “trilogia sobre o mal” (outra possibilidade seria uma “trilogia da ‘Estrela do mar’, nome do hotel/camping no qual se passa a ação tanto de *Amberes* como de *La pista de hielo*). Basta lembrar que o *wargame* é também o elemento central dentro da obra do escritor-torturador Carlos Weider, que desenvolve suas próprias versões de tabuleiros baseados em cenários nazifascistas. Mais que isso, poderíamos invocar uma entrevista de Bolaño (1998) feita para o programa de televisão chileno *Off the Record* na qual ele se refere a esses livros como morais. “*Morales*”, dirá, “*como eran las Novelas ejemplares de Cervantes*”. Sem dúvida, o que Bolaño está propondo passa longe de uma espécie de invocação dos bons costumes. A requisição por uma responsabilidade para com as formas de relação com a linguagem no interior do discurso literário tem como parâmetro um modelo dentro de sua própria história.

Logo após a declaração sobre o “romance inédito” que foi antes citada, Bolaño (2006, p.98) começa a discutir a forma de seus livros: “*Entonces me jure que nunca más iba a escribir una novela sin tener clarísima la estructura, la forma y el argumento, es decir, sin tener la historia escrita en la cabeza a mi gusto.*” Mesmo que jamais possamos recuperar totalmente os motivos que levaram Bolaño a deixar *El Tercer Reich* engavetado, podemos, no entanto, manter em nossa leitura a força desse gesto de recusa, desse gesto responsável, que vê na literatura uma atividade de risco, na qual se busca corajosamente (a coragem é uma qualidade central para Bolaño) dar à linguagem e à memória o seu devido peso.

Referências

BOLAÑO, R. **Bolaño por sí mismo**: entrevistas escogidas. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2006.

_____. [Entrevista Roberto Bolaño]. [nov. 1998]. Entrevistador: Fernando Villagrán. **Off the Record**. Valparaíso (Chile): Universidad Católica de Valparaíso Televisión, nov. 1998. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=90ta4HlqpoM>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

Recebido em: 17/01/2012

Aceito em: 18/12/2012